



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA - FAPSI
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL-
LABFEN

NATALY BARBOSA DE SOUZA

**PESSOAS LGBTQIAP+ E O ENFRENTAMENTO DA HOMOFOBIA: Histórias de
Vida e Superação na Vida de Mulheres Lésbicas**

MANAUS

2023

NATALY BARBOSA DE SOUZA

**PESSOAS LGBTQIAP+ E O ENFRENTAMENTO DA HOMOFOBIA: Histórias de
Vida e Superação na Vida de Mulheres Lésbicas**

Monografia apresentada à disciplina FEP078 –
Orientação de Trabalho Final II (OTFII) do Curso de
graduação em Psicologia da Faculdade de
Psicologia da Universidade Federal do Amazonas,
como requisito à obtenção do título de Bacharela
em Psicologia.

ORIENTADOR: PROF. DR. EWERTON HELDER BENTES DE CASTRO

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729p Souza, Nataly Barbosa de
Pessoas LGBTQIAP+ e o enfrentamento da homofobia : Histórias de vida e superação na vida de mulheres lésbicas / Nataly Barbosa de Souza . 2023
44 f.: 31 cm.

Orientador: Ewerton Helder Bentes de Castro
TCC de Graduação (Psicologia - CH Formação do Psicólogo) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Lésbicas. 2. Preconceito. 3. Superação. 4. Psicologia fenomenológico-existencial. I. Castro, Ewerton Helder Bentes de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

NATALY BARBOSA DE SOUZA

**PESSOAS LGBTQIAP+ E O ENFRENTAMENTO DA HOMOFOBIA: Histórias de
Vida e Superação na Vida De Mulheres Lésbicas**

Monografia apresentada à disciplina FEP078 –
Orientação de Trabalho Final II (OTFII) do Curso de
graduação em Psicologia da Faculdade de
Psicologia da Universidade Federal do Amazonas,
como requisito à obtenção do título de Bacharela
em Psicologia.

Aprovado em 01 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro, Presidente
FAPSI/UFAM

Mestra Luziane Vitoriano da Costa, Membro Externo
UNINILTONLINS

Mestranda Paula Vitória de Oliveira Teles, Membro Interno
PPGPSI/UFAM

Para aqueles que sempre seguram minha mão, ouvem meus choros e põem sorrisos em meu rosto, à minha mãe Adna e ao meu pai José.

Para aquela pequena cunhã que sonhava e acreditava.

Para as mulheres e meninas que estão se conhecendo, se respeitando e se amando mais a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Deixo minha gratidão para aqueles que estiveram nessa caminhada comigo:

A Tupã, pela existência;

Ao meu orientador, por ser a luz na construção deste trabalho e por me acompanhar no percurso acadêmico;

Ao Emerson, Victor Lucas e Lívia, por trocar informações valiosas e ser apoio;

À minha família por proporcionar o espaço, tempo e recursos que eu precisava;

Às mulheres esplêndidas que participaram da pesquisa.

RESUMO

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e Pansexuais (LGBTQIAP+) frequentemente são alvos de intolerância e violência por parte de pessoas que se recusam a reconhecer a pluralidade humana. À sua maneira, essas pessoas realizam o enfrentamento de tais percalços. Assim, o objetivo deste estudo é compreender o processo de enfrentamento e superação de situações homofóbicas na vivência de mulheres lésbicas em Manaus, sob o viés da fenomenologia de Martin Heidegger. A pesquisa se deu pelo viés qualitativo, com característica descritiva e exploratória. O método utilizado foi o fenomenológico-psicológico e a obtenção de dados através da entrevista fenomenológica áudio gravada que partiu de uma questão norteadora e analisado sob o viés da Fenomenologia de Martin Heidegger. Colaboraram para a pesquisa 5 mulheres lésbicas. Foram elaboradas três Categorias Temáticas, com subcategorias: 1. Sexualidade: temporalizando a trajetória; 2. A busca por ser aceita: o auto olhar e o olhar do outro; 3. Os vários autos: autocuidado, autocompreensão, autorreconhecimento. Ao final do estudo, apreendeu-se a diversidade de suas vivências relacionadas ao enfrentamento da homofobia, caminhando por temas como descobertas, autoconhecimento, violências e autocompreensão, temas que contribuem para refletir acerca da realidade e para elaborar propostas práticas junto à essas mulheres.

Palavras-Chave: Lésbicas; Preconceito; Superação; Psicologia Fenomenológico-Existencial.

ABSTRACT

Lesbian, Gays, Bisexuals, Transsexuals, Transgenders, Transvestites, Queer, Intersex, Asexual and Pansexuals (LGBTQIAP+) are often targets of intolerance and violence by people who refuse to recognize human plurality. In their own way, these people cope with such setbacks. Thus, the objective of this study is to understand the process of facing and overcoming homophobic situations on the experiences of lesbian women in Manaus, from the perspective of Martin Heidegger's phenomenology. The research was carried out using a qualitative approach, with a descriptive and exploratory characteristic. The method used was phenomenological-psychological and data was obtained through audio-recorded phenomenological interviews that started from a guiding question and analyzed from the perspective of Martin Heidegger's Phenomenology. 5 lesbian women collaborated in the research. Three Thematic Categories were created, with subcategories: 1. Sexuality: temporalizing the trajectory; 2. The search for acceptance: the self-view and the gaze of others; 3. The various selves: self-care, self-understanding, self-recognition. At the end of the study, the diversity of their experiences related to confronting homophobia was learned, moving through themes such as discoveries, self-knowledge, violence and self-understanding, themes that contribute to reflect on reality and to develop practical proposals with these women.

Keywords: Lesbians; Prejudice; Overcoming; Phenomenological-Existential Psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 MOVIMENTO LGBTQIAP+	12
2.2 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO (HOMOFOBIA).....	14
2.3 CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DA HOMOFOBIA	16
2.4 ENFRENTAMENTO E SUPERAÇÃO	18
2.5 FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER	20
3 PERCURSO METODOLÓGICO	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	28
4.1 SEXUALIDADE: TEMPORALIZANDO A TRAJETÓRIA	28
4.1.1 Des-velando a sexualidade	28
4.1.2 Constatação da orientação sexual	29
4.1.3 Certeza da orientação.....	29
4.2 A BUSCA POR SER ACEITA: O AUTO OLHAR E O OLHAR DO OUTRO .	30
4.2.1 O auto preconceito	30
4.2.2 A aceitação do outro, preconceito e discriminação	31
4.3 OS VÁRIOS AUTOS: AUTOCUIDADO, AUTOCOMPREENSÃO, AUTORRECONHECIMENTO	34
4.3.1 O autocuidado: o olhar sobre mim se revela	34
4.3.2 Os estereótipos do existir-lésbica.....	35
4.3.3 Para além de quaisquer facticidades: meu ser se desvela.	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	42
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista	44

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem sido caracterizada como um período da humanidade em que o diferente, a diversidade de uma forma geral tem merecido um olhar mais profundo da ciência e da própria sociedade. Um desses grupos é o que diz respeito aos participantes do movimento LGBTQIAP+, devido à tantas violências, injustiças e lutas em todo o mundo (Soares, 2018)

Essa sigla é literalmente traduzida como Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, o sinal + significa que, no que concerne a identidade de gênero, outros elementos vêm somar a estes (Ferraz, 2017). A Organização Mundial de Saúde (Who, 2018) retira da condição de "doentes" todos os que experienciam a diversidade no que concerne à sexualidade. Assim, identidade é um constructo tomado, nos dias atuais, como estruturante dos nossos modos de ser, organizadora de nossas experiências de mundo, nada mais representa do que o aprisionamento do existir humano dentro de categorias previamente dadas. Identidades, como diz Trzán-Ávila (2019, p. 56) "se estruturam por hierarquias, ocultamentos e até mesmo aniquilação dos modos de ser desviantes das normatizações". Esse pensamento nos leva a refletir que identidades orientam os campos da visibilidade e invisibilidade, ou seja, determina o que se mostra como sendo e o que não se mostra como não-sendo e, assim, estabelecem como possíveis os campos de visibilidade ou de mostraçã dos fenômenos é em si a medida condicionadora dos fenômenos (Cabral, 2018). Dessa forma, concordamos com Butler (2017, p. 16) quando revela: "Eu prefiro existir na subordinação do que não existir".

Contudo, um paradoxo pode ser observado no que diz respeito a identidade de gênero: ao mesmo tempo em que nosso mundo atribui uma determinada identidade de gênero, esse mundo também é condição de possibilidade para que outras identidades ou "não identidade" se dê (Trzán-Ávila, 2019, p.57). Dessa forma, algumas questões já se tornam necessárias de reflexão: O que a diversidade de identidade de gênero tem provocado atualmente?

Questionamento esse resultado da possibilidade de refletir que o indivíduo, atualmente, é coercitivamente impelido a adotar para si uma identidade de gênero. Nossa sociedade heteronormativa pressupõe que existem apenas duas opções disponíveis, ser homem ou ser mulher, e que essa adoção está diretamente relacionada e orientada por seu corpo biológico. E quando a diversidade se mostra? Lembremos Butler (2017, p. 44) que ressalta: "a matriz cultural por meio da qual a

identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de 'identidade' não possam 'existir' - isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não 'decorrem' nem do 'sexo' nem do 'gênero'. E quando o 'desvio' ocorre?

As pessoas que 'desviam' da norma de gênero instituída hegemonicamente são levadas à conta de aberrações, inclusive por segmentos de vários saberes.

E a quem transgride, as punições sociais são evidenciadas, das correções cirúrgicas à criminalização, perpassando pela patologização, assédio moral, dificuldades em obter e manter emprego, violência e aniquilamento. Assim, os homossexuais têm sido vítimas de ações homofóbicas que reverberam em nossa sociedade heteronormativa, considerando-os como antinaturais, doentes, desajustados, aberrações.

E assim, são alvos de uma gama de situações onde experienciam a dor, o sofrimento, a violência física e psicológica, o preconceito e a discriminação evidentes direcionadas por membros da sociedade que 'não aceitam' esse outro por ser 'diferente'. Mais uma vez, reportamo-nos à Butler (2016, p. 46) quando nos traz: "aqueles cujas vidas não são "consideradas" potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte".

Entretanto, pessoas do movimento em epígrafe, que sofreram essas situações na própria pele, realizaram, à época na qual as situações de homofobia e marginalização ocorreram, experiências de enfrentamento e seguiram adiante em sua construção histórica. Hoje, ao olhar para trás, conseguem perceber que superaram as situações de violência resultantes do preconceito e da discriminação. Contudo, ainda hoje, centenas de jovens têm seu direito à vida sexual cerceado por uma série de normatizações, olhares e atitudes que magoam, discriminam, invadem suas existências.

Assim, desenvolver esta temática, propicia compreender o quão socialmente relevante ela se mostra, tendo em vista que, a pesquisa traz modos de enfrentamento e superação de situações caracterizadamente homofóbicas, potencializando nestes jovens que atualmente sofrem, a possibilidade de reconhecer-se e a capacidade para realizarem o enfrentamento necessário e, com isso, superar as barreiras do preconceito impostas pelo entorno social.

Academicamente falando, a relevância está no fato de a partir deste estudo, aprofundarmos o conhecimento sobre essas experiências de ódio, maioria das vezes lançadas sobre essas pessoas ditas “diferentes”, e com isso construir material científico que potencializem o olhar do futuro profissional de Psicologia e áreas afins sobre a situação de homofobia e violência direcionada à diversidade de identidade de gênero.

Problematiza-se, enfim, a partir das seguintes questões: a) como pessoas da comunidade lésbica enfrentaram as situações de homofobia e violência devido a sua identidade de gênero? b) Como é olhar para trás e verificar que conseguiram superar situações dessa natureza? O que poderiam estar falando a mulheres que estão passando por situações similares?

Metodologicamente, se trabalhou com a concepção de cada uma das participantes acerca de suas vivências, conseqüentemente, o foco foi discurso desse outro, portanto, decidiu-se o uso da pesquisa qualitativa (Minayo; Costa, 2018). Assim, priorizou-se como o mais adequado o Método Fenomenológico de Pesquisa em Psicologia, preconizado por Amedeo Giorgi, e como referencial de análise a Ontologia Hermenêutica de Martin Heidegger. Participando da pesquisa 5 mulheres autodeclaradas lésbicas, a partir de 18 anos, de vários estados civis, credos e localidades. Elencou-se, a partir de seus discursos, três Categorias Temáticas, com subtópicos: 1) Sexualidade: temporalizando a trajetória; 2) A busca por ser aceita: o auto olhar e o olhar do outro; 3) Os vários autos: autocuidado, autocompreensão, autorreconhecimento.

Nesse sentido, essa pesquisa se propôs a compreender o processo de enfrentamento e superação de situações homofóbicas por mulheres lésbicas em Manaus, sob o viés da fenomenologia de Martin Heidegger. Para tanto, se vê necessário identificar situações caracterizadamente homofóbicas vivenciadas por mulheres lésbicas na cidade de Manaus; além de compreender o modo de enfrentamento e ressignificação realizado por mulheres lésbicas manauaras das situações de homofobia experienciadas, para enfim elaborar estratégias de acompanhamento a mulheres lésbicas que estejam vivenciando situações de homofobia cotidianamente.

Cumpra, neste estudo, mostrar os modos como os membros do movimento LGBTQIAP+, especificamente mulheres lésbicas em Manaus e outros estados têm

enfrentado e superado essas questões que colocam em dúvida sua própria humanidade, sob o viés da Fenomenologia de Martin Heidegger.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 MOVIMENTO LGBTQIAP+

A matéria de Soares (2018) e a de Ferraz (2017) publicadas nos sites “Revista Momento” e “Politize!”, respectivamente, realizam abordagens sócio-históricas a respeito da origem da causa LGBT. No dia 28 de junho de 1969, iniciou-se uma revolta que traria à tona os grupos de pessoas que nenhum heterossexual da época desejava lembrar que existiam: os homossexuais, transexuais, drag queens, entre outros. O bar Stonewall Inn, em Nova York (EUA), era um local seguro para estes indivíduos se expressarem até ser invadido por policiais que ameaçaram e prenderam vários clientes daquela noite por estarem usando “vestimentas inapropriadas”. O público então formou uma rebelião que durou seis dias em resposta ao acontecimento, que se repetiu por outros bares gays nova-iorquinos; e esta união por um direito em comum construiu a base da luta por direitos da hodiernamente conhecida “comunidade LGBTQIAP+”. Um ano após o ocorrido, em 1970, uma paralização de milhares de pessoas aconteceu em homenagem às perdas daquele dia, dando início as chamadas “Paradas LGBT” em diversos locais do mundo e a data do evento é comemorada pelos integrantes do movimento como um grande marco.

Todavia, nas décadas que se sucederam, a comunidade permanece sendo analisada por um viés equivocado e injuriada pela perspectiva cultural enraizada de que essas pessoas seriam um problema ao componente social, remetendo à época da Revolta de Stonewall. E, como Sampaio e Germano (2014) bem ressaltam, ser homossexual era considerado uma doença psiquiátrica até meados de 1973; e com a descoberta e o surto da AIDS na década de 1980 houve uma repatologização a respeito do que significava pertencer à comunidade LGBT. Com isso, construiu-se o pensamento de que não estar de acordo com os padrões heteronormativos de orientação e identidade sexual sequencia apenas em uma vida de sofrimento e repúdio social (Toledo; Pinafi, 2012). Tal condição não traz malefícios apenas ao psicológico dos indivíduos, mas de igual forma ao seu bem-estar fisiológico; uma vez que grande parte dos profissionais da saúde compreende a população homofóbica e recusa-se a atender pessoas da comunidade LGBTQIAP+ com a mesma qualidade e

atenção aplicada aos cidadãos pertencentes aos padrões comportamentais instaurados.

Definir “orientação” e “identidade sexual” segue sendo uma tarefa ímproba conforme novas formas de expressão de gênero são descobertas, e procura-se incrementá-las na sociedade de modo que possam ser aceitas. Neste momento convém a colocação de Toledo e Pinafi (2012) quando afirmam que o objetivo terapêutico vai além de fazer o indivíduo LGBTQIAP+ realizar a compreensão de seu ser existente; é simultaneamente deixar claro que o paciente não precisa se encaixar nas perspectivas heteronormativas, mas sim desenvolver sua própria forma de subsistência em meio a uma realidade que não o favorece. A expressão da identidade é uma condição constantemente paradoxal aos indivíduos; pois de forma simultânea a identidade revela o homem e o que o define como ser social, porém tais definições tendem a ser limitadas e pré-estabelecidas pelas padronizações comumente aceitas. Seria a identidade algo que o próprio ser aprisiona e limita? Afinal, desde o nascimento é ensinado que descobrir a personalidade pessoal é fundamental para ocorrer o encaixe do sujeito na vida social; contudo, como fazer isso se as possibilidades se autodefinem apenas entre ser homem ou mulher heterossexual? (Trzán-Ávila, 2019, p.57).

Por conta de tais questões, Toledo e Pinafi (2012) lembram que pacientes homossexuais se sentem mais à vontade sendo atendidos por psicólogos homossexuais, visto que a barreira do preconceito voltado à orientação e identidade sexual não se torna uma questão de difícil compreensão ao profissional. Inclusive, deve haver o cuidado extra para não confinar ainda mais o indivíduo em seu interior, no fim das contas a heteronormatividade já faz isso por si só e o objetivo terapêutico é abrir caminhos de possibilidades. De acordo com Sampaio e Germano (2014), parte considerável da discriminação instaurada ocorre pela nomeada “sexopolítica”, na qual existe uma relação de poder e controle sobre a sexualidade e suas diversificações; e o objetivo é transformar a sexopolítica em um espaço onde os manifestos das minorias adquiram voz.

Em decorrência aos argumentos supracitados, pessoas da comunidade LGBTQIAP+ Sempre existiram na história e após décadas estão começando a descobrir seus respectivos propósitos. E, inconscientemente, esta minoria despertou amarras e problemas socioculturais que perturbam a ordem natural da heteronormatividade, desde o parâmetro mais expresso, como o preconceito, ao mais

interno, como o psicológico. O objetivo dos tópicos seguintes é explorar mais sucintamente essas questões no contexto do movimento e como as mudanças coletivas de pensamento podem determinar o processo de superação de muitas pessoas.

2.2 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO (HOMOFOBIA)

A **homofobia** caracteriza um tipo de preconceito em relação às pessoas que possuem **relações homo afetivas**, sejam entre homens ou mulheres. Do grego, a palavra homofobia é formada pelos termos “*homo*” (semelhante, igual) e “*fobia*” (medo, aversão), que significa aversão às relações semelhantes. O termo **homofobia** foi empregado pela primeira vez em 1971, pelo psicólogo nova-iorquino George Weinberg em sua obra intitulada “*Sociedade e a Saúde Homossexual*” (1972), na qual afirma que as pessoas que alimentam a homofobia possuem problemas psicológicos, propondo, dentre outras medidas, a retirada do termo “homossexualidade” da lista de doenças. Basicamente consiste na aversão, ódio a pessoas que optam por ter relações homossexuais ou que de qualquer forma tenha uma orientação diferente da que é aceita pelo seio da sociedade, seria o homossexual visto como anormal ou inferior em relação aos heterossexuais (Quintão; Carvalho, 2012)

Nas civilizações antigas de Grécia e Roma, a homossexualidade era praticada por muitos e vista de forma natural. As religiões judaico-cristãs foram as propulsoras e propagadoras da intolerância contra os homossexuais relações consideradas atos de perversão o que levou a inúmeras mortes, amputações, castrações, multas, e ainda, diversas torturas psicológicas e físicas (Coelho, 2015).

Para Quintão e Carvalho (2012) esses ideais preconceituosos (homofobia) foram alimentados durante muitos séculos, os quais, mais tarde, a homossexualidade passa a ser considerada uma patologia, doença mental, problema genético e uma aberração. Muitos homossexuais foram forçados a inúmeros procedimentos, bem como viverem nas clínicas psiquiátricas, os quais eram considerados perigos para a sociedade. Essa situação desumana começa a mudar de panorama a partir da década de 80, com a descriminalização da homossexualidade por diversos países do mundo. Já na década seguinte, a Organização de Saúde retira a homossexualidade da lista de doenças mentais. Estudos atuais sobre a formação da identidade homossexual, determinam duas vertentes de pesquisas: fatores biológicos ou fatores sociais;

embora ainda seja um enigma para a sociedade a atração entre indivíduos do mesmo gênero, o qual levanta questões tais como:

- A homossexualidade é genética ou inata?
- A escolha sexual depende de fatores culturais e sociais?
- Todos os seres humanos são potencialmente bissexuais ou possuem alguma tendência homossexual ou heterossexual?

Ressalte-se que a manifestação da homofobia é expressa de forma variada, uma vez que, ocorre sob a forma de uma simples piada, perpassando por insultos graves e atingindo patamar mais extremo, agressões físicas e como resultado a morte. São tratadas de modo pejorativo e os que agridem, ou seja, os homofóbicos, apresentam como argumento a imposição de sua sexualidade considerada superior às das demais pessoas.

Costa (2012) revela que esse tipo de violência é didaticamente conceituado e classificado. Definida como homofobia o modo de agir que inferioriza, desumaniza, diferencia e distancia o indivíduo homossexual de forma semelhante a outras formas de exclusão como percebido na xenofobia, o racismo, o antissemitismo ou o sexismo. É um fenômeno complexo, invisível, cotidiano e compartilhado. Coloca o indivíduo no lugar de quem não se deve identificar e não tem, conseqüentemente, plenos direitos. A homofobia baliza fronteiras sexuais, gênero, colocando todos os indivíduos que não pertencem à ordem clássica dos gêneros, vítimas da violência homofóbica.

Muito tem sido feito para minimizar os efeitos e a ação nefasta da homofobia. Em nosso país, por exemplo, as uniões civis, desde maio de 2011 são permitidas por lei, com direitos similares aos casais heterossexuais. Contudo, pesquisas recentes apontam para o Brasil como um dos países mais homofóbicos do mundo, as quais, levam em consideração, os ataques violentos aos homossexuais.

Outra perspectiva vem no sentido de engendrar eventos quais a “Parada Gay” que apresenta como objetivo denunciar violências contra esse grupo, ao mesmo tempo que busca revelar para a população a existência das violações dos Direitos Humanos. Dessa forma, o grupo LGBTQIAP+ (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, Queer, Intersexo, Assexuado, Pansexual), que cresce a cada ano, lutam por reivindicações legítimas de reconhecimento da sociedade e regulação da Legislação de Políticas Públicas, como a criação de leis para a comunidade LGBTQIAP+, a fim de oferecer a cidadania plena para todos os cidadãos.

Uma das maiores autoridades acerca desta temática, Butler (2017) ressalta que os homossexuais são atacados consideravelmente por atos e ações de homofobia que os apontam desde antinaturais até aberrações, passando por doentes e desajustados, afirmações essas que ainda na atualidade encontrem respaldo no saber e na prática de alguns psicólogos no Brasil.

Assim, concordamos com Trzan-Ávila (2019) quando nos revela

Os indivíduos que se desviam da norma de gênero instituída hegemonicamente são considerados aberrantes, inclusive por segmentos dos saberes médico, psicológico, psiquiátrico e legal. As punições que se seguem a quem transgride as normas de gênero incluem correções cirúrgicas (no caso dos intersexos, antigamente denominados hermafroditas), patologização, assédio moral, dificuldades de obter e manter um emprego, criminalização, violência e aniquilamento (p. 69-60).

2.3 CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DA HOMOFOBIA

A população LGBTQIAP+ está vulnerável no que diz respeito aos seus direitos humanos como cidadãos, não apenas no âmbito familiar, mas em todas as áreas de suas vidas. Segundo Kalume, Itaborahy e Moreira (2016) A vulnerabilidade social no Brasil permeia desde as suas diferenças de classes, como gênero, etnia, posição econômica, política entre outros; e para comunidade LGBTQIAP+ não é diferente, desenvolvendo consequências psicológicas graves.

Uma das autoras mais consistentes no que se refere a gênero, Simone de Beauvoir na sua obra *O Segundo Sexo* (2016) referia-se no início de seu texto que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p.7), ou seja, gênero é construído e, dessa forma, ao apropriar-se dessa construção de gênero poderia, a princípio, “assumir algum outro que não aquele para onde se destinou” (Trzán-Ávila, 2019, p. 67)

Por não se encontrar enquadrado na heteronormatividade vigente, membros da comunidade LGBTQIAP+ têm, no dizer de Butler (2016, p. 46),

Vidas que não são consideradas potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte

No contexto de consequências psicológicas encontramos variados pontos que devem ser considerados, uma vez que, em virtude à violência há o auto silenciamento, o isolamento, a negação de si mesmo enquanto pessoa, o ensimesmamento, medo diante do discurso de ódio que lhe é direcionado, sentir-se marginalizado pela não utilização do nome social, causando estranheza e desolação.

O tratamento pejorativo lança essas mulheres em turbilhão emocional grassando suas forças para lutar contra a discriminação e o preconceito. Torna-se necessário que a sociedade consiga realmente “escutar” e “ver” o que diz a mídia quando é ressaltado e expresso o grande índice de violência contra pessoas do movimento LGBTQIAP+. O silêncio social muitas vezes designa acobertamento, manutenção do ato violento como a corroborar com ele. Essa atitude causa medo, temor, receio, pânico e, conseqüentemente, gera dor e sofrimento psicológicos deixando severas marcas nas pessoas. E uma dessas conseqüências, a insegurança!

As conseqüências psicológicas surgem a partir do momento em que o indivíduo se depara com os questionamentos relacionados a sua sexualidade, que envolve discernimento, aceitação e respeito. Descaradamente, existe discriminação e despreparo da sociedade em lidar com as particularidades dessa população, por conseguinte esta tem dificuldades em se assumir pertencentes a um gênero que não o heteronormativo. Neste contexto, as políticas públicas foram feitas para que a população entendesse a comunidade, mas não é isso que ocorre; pois são estabelecidos conceitos e condições baseadas nas perspectivas heterossexuais, que impedem a exteriorização LGBTQIAP+. Conseqüentemente ocorre a interiorização pessoal causando grandes danos psicológicos, como: rejeição, desnaturalização de identidade, introversão, entre outros (Sampaio; Germano, 2014, p. 294).

As violências se apresentam de diferentes formas, sejam físicas, negligência social, violência de gênero, abuso sexual, violência psicológica, violência urbana e institucional, de estado entre outros. A sociedade não considera homossexuais como iguais, portanto, sofrer e pensar neles é “inútil”, como pensar e lutar contra a homofobia se não considero um homossexual como igual? As conseqüências são potencialmente lamentáveis, agravando os sentimentos de culpa, de solidão e depressão, e variam de indivíduo para indivíduo. O que se faz necessário entender é que a democracia, na prática, não abrange a comunidade LGBTQIAP+, que conseqüentemente é atacada por ações homofóbicas. Causando nesses indivíduos, dor, medo, angústia, levando-os a atos relacionados muitas vezes a drogas, e até mesmo ao suicídio. Segundo Tzran-Ávila. (2019), existem delimitações: “o que pode ser”, “o que não deveria ser, mas ainda encontra espaço de ser” e “o que não pode ser”; todas são atingidas por alguma forma de opressão e violência, porem a última evidencia exclusão, invisibilidade, vulnerabilidade e preconceito.

2.4 ENFRENTAMENTO E SUPERAÇÃO

A história do humano é permeada por uma série de situações que, *a pari passu*, propiciam mergulho no sofrimento e na dor oriundos do externo. Neste caso, vemos o experienciar de atitudes de preconceito e discriminação relacionados à diversidade sexual e ao gênero, caracterizadamente a homofobia.

Esses momentos, vivenciados sob extremada angústia, representam experiência em que esse outro é lançado em verdadeiro turbilhão emocional e, muitas vezes físico, haja vista que, a violência é impetrada contra membros da comunidade LGBTQIAP+ provocando lesões físicas que, maioria das vezes, doem menos que as dores psicológicas resultantes da agressão.

Sonetti e Garcia (2020) em seu estudo acerca da escola e a diversidade sexual e de gênero, asseveram que a heteronormatividade tem sido afirmada e reafirmada através de aprovações de leis que desconsideram a identidade de gênero e de medidas que reforçam o preconceito e discriminação em torno de diversas formas de expressão da sexualidade e gênero. Esse desrespeito e as diferentes formas de violências dele advindas são desfavoráveis à saúde mental e física de pessoas que não se enquadram na cisheteronormatividade, fazendo então da escola um ambiente potencialmente lesivo a alunos e funcionários LGBTQIAP+. Ao mesmo tempo, há a possibilidade de a escola exercer um papel protetivo, ao promover o debate e educação sobre sexualidade, o que tem sido pauta de movimentos sociais ao reivindicarem mudanças nas leis e diminuição da influência do conservadorismo presente no meio político.

Costa *et al.* (2013) ressaltam que pessoas LGBTQIAP+ têm vivenciado situações de vulnerabilidade social em virtude de não experienciar o padrão heteronormativo vigente em nossa sociedade e daí, passam a sofrer represálias – algumas subliminares – até violências físicas e emocionais. A esta rejeição e/ou ódio direcionado a lésbicas, gays, travestis e transexuais atribui-se o nome de homo/transfobia.

Situações essas permeadas pelo desqualificar o outro, considerando-o inferior ou anormal, fora do universo dos humanos; além de um conjunto negativo de emoções, tais como: aversão, desprezo, desconfiança, desconforto ou medo, constituindo-se, assim, em fenômeno social relacionado a discriminação, preconceito e violência contra a população LGBTQIAP+ (Borrillo, 2010; Junqueira, 2009).

No que tange ao enfrentamento, institucionalmente alguns aspectos têm sido levados a efeito, tais como: o programa Brasil Sem Homofobia, lançado em 2004, e as Conferências LGBTQIAP+ de 2008 e 2011 elaborando relatórios e planos, e a criação por secretarias municipais e estaduais de secretarias e departamentos que se ocupam “da diversidade sexual e o combate “a discriminação” (Monteiro, Machado; Nardi, 2011, p. 114).

Por outro lado, algumas estratégias são vivenciadas por pessoas LGBTQIAP+, dentre elas a proteção por um “manto de invisibilidade, geralmente associado a uma atitude discreta, até a adoção de postura mais combativa, onde sua decisão e possibilidade de vir bancar o seu lugar diante dos conflitos familiares que surgem e da questão da subjetivação militante. Estas estratégias, contudo, não são apenas de criação individual, mas são parte de um repertório ao qual essas pessoas recorrem dependendo, entretanto, de seu posicionamento frente à sexualidade e da situação em questão.

Estudo realizado por Herrick *et al.* (2013) com 1.541 homens gays e bissexuais, cujo foco foi a resiliência através do IHPO (resolução de homofobia internalizada) ao longo do curso da vida e suas associações com os resultados atuais de saúde, demonstraram que os homens que resolveram o IHP tiveram chances significativamente maiores de resultados positivos para a saúde em comparação com aqueles que não fizeram, ou seja, a resiliência está associada a resultados de saúde positivos. Concluem que compreender as resiliências e incorporá-las às intervenções pode ajudar a promover saúde e o bem-estar entre homens gays e bissexuais.

Outra pesquisa, realizada por D’haese, Dewaele e Van Houtte (2016) acerca de como lésbicas, gays e bissexuais lidam com a violência de forma limitada. E o estudo em questão enfocou a evitação, o *coping* orientado para o problema e o *coping* orientado para a emoção como estilos gerais de enfrentamento. Chama a atenção para o fato de que o gerenciamento da visibilidade é utilizado como estratégia de enfrentamento que pode ser aplicada em um contexto heteronormativo. Colaboraram com o estudo 1402 lésbicas, gays e bissexuais flamengos. Mostram que os estilos de enfrentamento e gerenciamento de visibilidade têm um efeito direto na saúde mental.

2.5 FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER

O filósofo alemão nasceu na cidade de Messkirch em 26 de setembro de 1889, região de Baden (sul da Alemanha). Teve sua formação filosófica realizada na Universidade de Freiburg-im-Breisgau. Nessa instituição foi aluno de Edmund Husserl, criador do método fenomenológico e de Ricket, estudioso da Filosofia da Grécia Antiga. A partir da leitura de Brentano na obra "Sobre os diversos sentidos do ente segundo Aristóteles" há um despertar de seu interesse pela Filosofia. Estudou obras de Nietzsche, Kierkegaard e Dostoiévski, além do interesse por Hegel e Schelling, pelos poemas de Rilke e Trakl e pelas obras de Dilthey. Tais estudos levaram-no a questionar a orientação da metafísica ocidental (Castro, 2009; 2017).

Este pensador pretende e recoloca a questão do Ser, um dos pilares fundamentais da filosofia. O filosofar heideggeriano é uma interrogação constante sobre essa temática.

Heidegger (2015) propõe-se a tratar da questão do sentido do Ser, ou seja, buscar a noção de homem em sua singularidade a partir do que chamou de *Dasein* (pre-sença) que, como totalidade estrutural, se mostra na cotidianidade mediana, imprópria e impessoal, porém sempre como abertura para possibilidades de outras formas de vir a ser-no-mundo, quais sejam: próprias e impróprias. A pre-sença constitui-se num ente aberto às possibilidades, logo, em liberdade em seu modo de ser. Assim, a expressão "ser-no-mundo" aponta, primeiramente, para um fenômeno de unidade, e é desse modo que devemos compreendê-la. Ser-no-mundo deve ser entendido como uma estrutura de realização do Ser.

Em "Ser e Tempo", Heidegger (2015) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico, sobre a questão do Ser, de onde faz seu ponto de partida. Através do próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o Ser se dá a conhecer. A solidão do homem propicia o interrogar-se a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim refletindo sobre ele mesmo, é quando o Ser se mostra, o ser se des-vela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein – Ser-aí*) é o objetivo da reflexão filosófica deste autor.

Para este filósofo, o Ser do homem não pode ser identificado através da objetividade, sofrendo o reducionismo da filosofia ocidental. O *Dasein* não pode ser considerado como, uma vez que ele é o ente que possui o ser-das-coisas, para o qual as coisas estão presentes, O *Ser-aí* é um ser de possibilidades, é sempre aquilo que pode ser.

Assim, observa-se em sua obra *Zein und Zeit* (Ser e Tempo, 2015), o retorno da filosofia para o ser (ontologia), que, doravante, estaria aberto, livre, pronto para eleger o que frente a ele se apresentasse. "Ser-no-mundo é morar no mundo", e não estar tenuamente ligado a ele. "Ser", para Heidegger é ser as próprias possibilidades: é fazer-se ser. Alguns aceitam as coisas assim como são, sobrevivem apenas, "vivem" o seu cotidiano sem grandes inquietações, sem voltar-se sobre si mesmos. Outros, ao contrário, "existem", testam os limites da vida, lançam perguntas, indagam, enriquecem o ser, angustiam-se, querem fugir do tédio e da ansiosidade, sensibilizam-se.

Na primeira parte de "Ser e Tempo", Heidegger (2015) descreve a vida cotidiana do homem, considerada por ele como uma forma de existência inautêntica constituída por três aspectos: facticidade, existencialidade e ruína. A inautenticidade refere-se ao distanciamento do homem de sua condição real, de como ele se ocupa do mundo e distrai-se de sua condição enquanto um ser mortal. A autenticidade é justamente quando o homem pode conviver com sua condição enquanto ser-para-a-morte. O homem é um ser de possibilidades infinitas, as quais ele vai "escolhendo" realizar enquanto vive, mas esta possibilidade da morte é a única que lhe é dada como certa. Na segunda seção de sua obra, surge a noção de *angústia*. Esta se faz presente quando o homem passa a assumir-se nesta projeção futura da morte. A angústia, segundo Heidegger, possibilita que o homem possa resgatar-se do viver cotidiano indo ao encontro de sua totalidade. Ela está sempre presente tanto no distanciamento quanto na aproximação do eu, podendo ser vivida como medo no distanciamento.

O filósofo vai fazer referência acerca do que denomina com o termo existencial. Primeiramente, existencial diz respeito ao ser-no-mundo, estrutura de realização que possibilita a "visão penetrante da espacialidade da *pre-sença*" (Heidegger, 2015, p.94). Outro existencial é o *ser-em* que transcende a noção ôntica da inclusão no espaço; que diz respeito a um estar junto, lançado em um mundo que se habita, sem que se possa ter tido a possibilidade da escolha, e este estar-lançado da *pre-sença* em um mundo que não foi escolhido e que, por sua vez, pode revelar-se inóspito ou não, Heidegger nomeia como facticidade.

Heidegger (2015) caracteriza a facticidade do *Dasein* como sendo o ser lançado em um mundo sem que lhe seja propiciada a possibilidade de escolher país, cidade, família e classe social. Dessa forma, o *Dasein* estará submetido a contingências políticas, econômicas e sociais, culturais e históricas (Castro, 2009).

Outro elemento vem juntar-se aos anteriores: mundo. Em relação a isto, Heidegger vai fazer uma distinção acerca da concepção de mundo considerado ôntica e ontologicamente. Assim, enquanto no conceito ôntico, mundo é o elenco das coisas que nele estão, configuradas e descritas, ao conceito ontológico, para conceituar mundo de acordo com Heidegger torna-se necessário compreender outro termo, mundanidade. Segundo o próprio autor, mundanidade constitui-se “na estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo” (Heidegger, 2015, p.104), ou seja, no dizer de Forghieri (2011, p.29) “o conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe”. A *pre-sença*, assim compreendida, não existe por causa do mundo ou o mundo por sua causa, mas já se encontra num mundo, como parte essencial de sua existência, portanto, daí o termo ser-no-mundo.

Três esferas fundamentais e simultâneas constituem a espacialidade existencial da *pre-sença*: o mundo circundante, o mundo das relações e o mundo pessoal, sendo o primeiro (mundo circundante) o relacionamento que o homem estabelece com o meio, com o ambiente, e envolve tudo o que de concreto está presente nas situações vivenciadas pela pessoa.

Heidegger (2015) considera que tendo em vista a existência se revelar como a essência da *pre-sença*, esta somente poderá ser analisada em sua relação com os outros, ou seja, a partir de seu mundo de relações. O autor considera esta como a mais fundamental característica do existir humano.

Heidegger (2015) apresenta ainda outro termo: preocupação. A preocupação remete ao ser como co-presença dos outros no encontro que se realiza no mundo das relações. Também designado como solicitude, pode apresentar-se autêntica ou inautenticamente. Inautêntica quando domina e faz do outro dependente, realizando as suas escolhas por ele, caracterizando um “saltar sobre o outro”. Autêntica, quando possibilita o processo de crescimento do Ser, não o substitui, caracterizando um “saltar diante do outro”, possibilitando ao outro ser ele mesmo.

O pensamento heideggeriano se aprofunda ainda mais distinguindo outros termos que caracterizam o ser-no-mundo: disposição, compreensão e discurso. A disposição ou humor é o existencial a partir do qual a *pre-sença* se depara com sua abertura, com sua possibilidade. A compreensão, por sua vez, revela a *pre-sença* a si própria, tornando-a capaz de ser, conduzindo-a às suas possibilidades, uma vez que possui a estrutura existencial de projeto, que se refere à abertura do ser-no-mundo e, desse modo, de acordo com Castro (2009,p.45) “na compreensão do mundo se faz

compreendida, então, a própria existência”. O discurso, por sua vez, é onde o fenômeno se mostra a si mesmo.

Heidegger, em *Ser e Tempo*, a partir do fenômeno da morte, tal como se mostra em seu pensamento, se afastará da concepção mecanicista e exterior até então vigente. O seu ponto de partida é a interpretação da morte como um fenômeno da vida. “A morte – assinala Heidegger (2015, p. 245) – no sentido mais amplo, é um fenômeno da vida”. Para quem é obstinado a vida continua a ser só vida. Para eles a morte é morte, e somente isso. Mas, o ser da vida é, ao mesmo tempo, o ser da morte. Percebe-se que tudo o que começa a viver, também começa a morrer, ou seja, a morte é, simultaneamente, vida.

O interesse de Heidegger (2015) no que concerne à morte não reside tanto na determinação da morte como um sucesso terminal ou meramente pontual – o ato mesmo de morrer – quanto à presença da morte em um continuum vital. Dessa forma, o que interessa a Heidegger não é tanto a morte ser um acontecimento terminal, mas à morte ser uma estrutura da existência humana. O que interessa, na realidade, não é uma análise ôntica da morte, mas uma análise ontológica ou, como ele denomina, uma análise existenciária. A compreensão ontológica – existencial revela a morte como uma estrutura do ser do homem, um existencial do próprio homem em sua estrutura existencial de ser-para-a-morte.

Heidegger (2015) distingue o tempo como uma questão a ser considerada. Na temporalidade existe a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é fundamental da existência humana, uma vez que é aí que o *Dasein* encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser. Na reflexão deste filósofo há sempre, no *Dasein*, uma tensão constante, presente, resultando em uma inquietação relativa ao tempo, entre aquilo que o Ser-aí é, o seu devir e seu passado. A vivência da temporalidade pode dar-se na inautenticidade assim como na autenticidade. A vivência da autenticidade da temporalidade dá-se através da inquietação, que possibilita com que o homem ultrapasse o estágio da angústia e retome o seu destino em suas próprias mãos. A inautenticidade dá-se no distanciamento de si próprio, como se fosse levado pelo destino.

Alguns conceitos/ideias são considerados fundamentais na Ontologia Heideggeriana. Dentre estes podemos citar: viver como homem é jamais alcançar qualquer fixidez; afinal, habitamos num mundo inóspito, somos lançados no mundo e ser-no-mundo como homens é habitar essa inospitalidade. Assim, no pensamento

deste filósofo a não-pertença ao mundo, seja este natural ou artificial, é vivido pelo homem como uma experiência de desalojamento, desamparo que ele quer a todo custo superar. Entretanto, este desamparo é a condição de liberdade para o próprio homem (Castro, 2009; 2017; 2019).

Considerando estes aspectos, Heidegger ressalta ainda em *Ser e Tempo* (2015) que a experiência da vida é, originalmente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade e que a segurança não está em parte alguma. Contudo, em seu pensamento não caracteriza, este aspecto anteriormente descrito, como deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza. Para o filósofo o Ser do homem pode ser conhecido a partir de seu discurso.

Trabalhar com o discurso significa opção pela linguagem e em Heidegger (2003), a linguagem não é apenas um meio de expressão ou, como ele mesmo diz: o meio de um organismo se manifestar. Ao afirmar que a linguagem é a morada do ser é porque, para ele, o que existe antes de tudo é o Ser, sendo que o pensamento pode pro-mover a relação do Ser com o homem e a linguagem é parte decisiva desse encontro. Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala do Ser, a fim de conseguirmos morar na sua linguagem, isto é, na fala de outro Ser e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem do outro nos confie o modo de ser desse outro, a sua essência. Entregamos a fala à linguagem. Dessa forma, “não queremos fundamentar a linguagem com base em outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem”. (Heidegger, 2003; p.9).

Pensar a linguagem significa alcançar de tal modo a fala que essa fala aconteça como o que concede e garante uma morada para a essência, para o modo de ser dos homens.

A dificuldade da resposta, se é que existe, está exatamente em tornar demonstrável algo já dado que apenas se revela, isto é, desvela o já existente e inerente ao ente. O ser humano ao ser lançado no mundo, sem a sua participação, “nu”, torna-se a própria angústia. O *Dasein*, o próprio ser do sujeito existente, conforme Heidegger (2015) é o objeto sobre o qual recai a inquietação. Esse *estar-aí* concreto, singular e inacabado, instável, tem consciência de que pode ser sempre mais, que é potência, aristotelicamente falando, mas que não basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo.

Enquanto que as coisas singulares pertencem ao mundo uma vez que se inserem numa rede de correspondências, de significações (cada coisa é remetida para outras, como efeito, como causa, como instrumento, como sinal, etc.), o mundo como tal, no seu conjunto, não tem correspondências, é insignificante; a angústia registra esta insignificância, a gratuidade total do fato do mundo existir. A experiência da angústia é uma experiência de 'desenraizamento' (Porto, 2020; Castro, 2020)

Vale dizer, ser-no-mundo é pertencer ao mundo, sem, contudo, se reconhecer pertencendo. É não se sentir em casa como diz o próprio Heidegger (2015), quando se refere à estranheza na angústia. Na angústia se está estranho. Eis a *pre-sença* na angústia. A tempestade do ser (Castro, 2009; 2017; Pereira; Castro, 2019; Soares; Castro, 2020; Silva;Castro, 2020).

Um ponto fundamental em Heidegger (2015) é no que se refere ao cuidado como constituindo a própria dimensão do ser da *pre-sença*, o pôr-se para fora: é o *ec-sistir*, movimento do existir. O cuidado - como processo de constituição da *pre-sença* - se dá no acontecer, isto é, no tempo. Cuidar constitui-se no exercício da preocupação com o acontecer. O cuidado constitui-se no movimento do existir, na abertura do ser do ente. O fechamento do ser do ente, a “escassez” da *ek-sistência*, significa dizer que se é mais do “ente” do que do “ontos”.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa seguiu a vertente qualitativa uma vez que se considera que o estudo se propõe a compreender os sentidos das vivências que estão contidas no discurso das participantes. Portanto, tem como objetivo a descrição fenomenológica de como se dá a percepção do vivenciado em situação de homofobia, preconceito e discriminação, por parte de mulheres lésbicas, a fim de chegar ao significado de suas experiências. Por ter sua preocupação direcionada para áreas da vida que não podem ser mensurados, a pesquisa qualitativa concentra-se em explicar e compreender a dinâmica das relações sociais, dos processos e dos fenômenos (Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012; Minayo, 2014). Assim, concordando com esta última autora, a abordagem qualitativa visa o trabalho com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014).

Utilizou-se o método fenomenológico-psicológico elaborado por Giorgi (Giorgi; Sousa, 2010; Pereira; Castro, 2019) para coleta e análise de dados. Por meio da entrevista individual, as participantes puderam trazer à luz questões relacionadas à

pergunta norteadora: “Gostaria que você falasse sobre situações de preconceito e discriminação que sofreu devido a sua sexualidade. O que pensou? Como se sentiu?”. No total, realizaram-se 5 entrevistas, com mulheres autodeclaradas lésbicas, maiores de idade, independente de raça, credo e estado civil, das quais pretendia-se apreender os significados de suas experiências individuais relatadas em seus discursos, atendo-se à Psicologia de base Fenomenológica-Existencial. A amostragem por conveniência, haja vista que, as colaboradoras eram do círculo de conhecimento dos pesquisadores, a maioria residindo na cidade de Manaus – AM. A duração de cada entrevista audiogravada foi de 30(trinta) a 140 (cento e quarenta) minutos.

Amedeo Giorgi apresenta um método constituído por uma componente descritiva, seguindo a mesma proposta do método fenomenológico de investigação em psicologia, configurado por quatro etapas, explicitados em Giorgi e Sousa (2010) e Pereira e Castro (2019): *Etapa 1 – Estabelecer o sentido do Todo*: Após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo é apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, a investigadora pretende apenas ler calmamente a transcrição completa da entrevista, onde a investigadora coloca-se na atitude de redução fenomenológica. Não pretende focar-se em partes fundamentais, não coloca hipóteses interpretativas, apenas, ter uma compreensão geral das descrições realizadas pela participante. Aqui, o objetivo principal é obter um sentido da experiência na sua globalidade; *Etapa 2 – Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado*: A investigadora retoma a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes menores. A divisão tem um intuito eminentemente prático. A divisão em partes, denominadas Unidades de Significado, permite uma análise mais aprofundada. Como o objetivo é realizar uma análise psicológica, e, como a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se como critério de transição de sentido para a constituição das partes (Unidades de Significado); *Etapa 3 – Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico*: A linguagem cotidiana da atitude natural das participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética a linguagem de senso comum é então transformada em expressões que tem como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelas participantes. O objetivo do método é selecionar e articular o sentido psicológico da vivência das participantes, em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, o investigador

deverá ser capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais das entrevistadas. É também neste momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico; *Etapa 4 – Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos*: A pesquisadora, fazendo uso da variação livre imaginativa, transforma as unidades de significado numa estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total possa sobressair. O passo final do método envolve uma síntese das unidades de significado psicológico. Neste momento, é o que Martins e Bicudo (2005), Castro (2009), Pereira e Castro (2019), caracterizam como a elaboração das Categorias Temáticas, a síntese das unidades de significado.

Em relação as considerações éticas, a pesquisa se valeu dos aspectos contidos nas resoluções 466/12 e 510/16. Sendo assim, tomou-se como critérios de exclusão: a) Estar sob efeito de medicamentos ou substâncias psicoativas que impedissem a compreensão da proposta do grupo de encontro; b) Possuir diagnóstico de transtorno cognitivo que impedisse a compreensão da pesquisa. Considerou-se também os riscos que envolvem toda pesquisa com seres humanos, nesse caso seriam riscos emocionais no sentido de que lembrariam de situações que foram muito difíceis e, dessa forma, a emoção poderiam causar choro, tristeza. Caso a participação durante a entrevista mobilizasse esses sentimentos na participante de forma intensa ou que causasse sofrimento, a pesquisadora faria o acolhimento inicial e a encaminharia para acompanhamento psicológico no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA/FAPSI/UFAM) e por alunos do estágio supervisionado alocados no Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN, realizado em mais ou menos 20 sessões. Em contrapartida, nos benefícios para as participantes teriam à disposição a escuta psicoterápica, e conseqüentemente, auxílio no sentido de trazer elementos para que se possam multiplicar a informação acerca do enfrentamento e superação de situações de transfobia junto a adolescentes e jovens que estão vivenciando situação de preconceito e discriminação.

O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM sob o número CAAE 40088620.8.0000.5020 e aprovado na reunião de 17.02.2021.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista as especificidades da pesquisa de base fenomenológica, para analisar os dados coletados nas entrevistas, aplicou-se o método proposto por Giorgi. Sendo assim, realizou-se releitura das entrevistas, seleção de falas das participantes, condensação em Unidades de Significado e a descrição dos significados explícitos e implícitos. As análises sucederam nos tópicos a seguir:

4.1 SEXUALIDADE: TEMPORALIZANDO A TRAJETÓRIA

Caminhar através das entrevistas com as participantes resultou, neste primeiro momento, compreender a pluridimensionalidade no que tange a sexualidade. De seus discursos surgem concepções relacionadas a: descoberta da sexualidade, constatação da orientação sexual, certeza da orientação sexual, expostas a seguir.

4.1.1 Des-velando a sexualidade

Sexualidade. Um dos fatores primordiais do ser humano e, ao mesmo tempo, de difícil compreensão e convivência. As participantes trazem que desde muito cedo percebiam-se “diferentes”, que seu olhar sobre outras meninas era diferenciado. O que nos permite inferir que não foi uma escolha como algumas instâncias sociais colocam, mas algo natural, da própria pessoa.

Mas com a questão da sexualidade, começa um pouco antes, então, eu falo muito antes, que eu comecei a me questionar com uns 14 anos. É... não muito, assim, é só, acho que eu comecei a perceber que... talvez eu não olhasse pra outras mulheres como uma mulher olharia, mas, assim, pensava que eu tinha que... experimentar realmente pra ter certeza, e... também não tava muito preocupada. (SIMONE)

É...bom, quando eu era, na minha infância, né, é... eu tinha uma colega que ela, ela que chegou, né, acho que eu era, tinha uns 5 anos, 6 anos, e aí, a gente já teve uma coisinha ali, né? Até, acho que beijou na boca, eu acho (risos). (FRIDA)

Acho que na minha infância, eu cismava, né? Que tinha alguma coisa, tipo, estranha, ali entendeu? Tipo, interesse por... ambos os sexos, e... ficava naquilo. (NAYÁ)

E... com esse enfoque, sobre a questão da minha sexualidade, acho que eu me descobri... assim, acho que eu sempre soube, o clássico né? "Eu sempre soube". Desde criança eu já "Hum... como assim essa minha coleguinha chama minha atenção?" (EVA)

4.1.2 Constatação da orientação sexual

Compreender a dimensão da orientação sexual é algo ou momento de grande impacto na vida das participantes. É momento de reflexão, encaixe, divisão, naturalidade.

Nessa época que eu entrei de novo eu estava trabalhando como vendedora e a... minha colega de trabalho é lésbica e... Ficou me... incentivando a baixar, aí eu baixei de novo e comecei... e coloquei que eu gostava só de mulheres. E aí comecei a conversar com algumas meninas, e saí com duas. E com uma delas eu comecei a namorar. Mas, assim, foi nisso que eu... que eu realmente parei e pensei "Não, pera lá, eu acho que eu não gosto de... homem" Pela primeira vez, assim. Talvez, depois, teve a experiência e tals . (SIMONE)

Aí, a primeira vez que eu beijei uma garota... misericórdia, ladeira abaixo, ladeira, entendeu? Tipo assim... aí, tá. Tudo se encaixou, tudo se encaixou. (NAYÁ)

É... a primeira menina que eu gostei, inclusive, que eu tive uma paixonite, né? Uma paixonite, que se diz, 4 anos (ri). Muito curto, né? Foi, basicamente, com ela que eu me descobri, né? Porque... a gente se conhecia desde criança, a gente estudou no mesmo colégio por anos. Aí, aqui eu revivendo o mal, aqui. E aí ela... ela tava falando sobre a questão da bissexualidade dela, e eu "Não, eu sou hétero. (EVA)

[...] na verdade, eu falei pra minha mãe, porque eu tava gostando de uma menina e não de um menino. Aí eu achei que era muito natural eu chegar pra ela e falar, né. (FRIDA)

4.1.3 Certeza da orientação

Os auto embates são contínuos na caminhada do autorreconhecimento no que tange à orientação sexual. Assim, os excertos de discursos nos apresentam o paradoxo do gostar ou não gostar, a certeza de não mudar, o sentimento que plenifica, mistura de sentimentos, então, é isso, possibilidade de ser feliz.

Mas eu pensei, não que era óbvio "E se, na verdade, é porque eu nunca nem gostei" e agora eu acho que é mais assim. (SIMONE)

E aí, eu me envolvi com uma menina durante quatro anos. E foi aí que eu tive certeza que eu não ia mais mudar, porque eu gostava mais de estar com uma mulher, estar com uma mulher do que estar com os namorados que eu tinha. (FRIDA)

Só que a minha namorada de hoje, ela, foi assim, a primeira vez que eu vi ela, falei "Nossa senhora". Ladeira. Porque eu sabia, meu coração parece que sabia, sentia aqui. Aí, meu deus do céu, sinceramente. A gente cria um sentimento, assim, cria um carinho mesmo. E... ela tava em uma outra relação, mas... aquele sentimento era meu, pertencia a mim. (NAYÁ)

Mas quando eu olhei assim, falei "Misericórdia, como eu sou talarica" Porque eu queria porque queria. Aí eu vi, que eu falei "Mano, já era. Agora eu me descobri. Agora eu sei mesmo o que eu quero, sei o que eu sinto" E, parece que...que deu um alívio, sabe? Tipo "É isso mesmo, não posso fazer nada. Tô... mano! Eu sei, vou ser expulsa de casa, tudo bem" na minha cabeça,

porque... é um misto de sentimento, é um misto de sentimento que a gente não consegue entender, sabe? (NAYÁ)

Até que chegou um momento que eu vi que... assim... não tinha pra onde eu fugir, eu tinha que fazer uma escolha, na minha percepção, hoje eu vejo que as pessoas veem isso de outra maneira. E aí eu acabei "Então, é isso, né? Tchau, Deus". Durou um mês porque... eu vi que... cara, não era aquilo, entendeu? Eu tinha um pensamento muito de... eu poderia me casar com uma mulher, passar uma vida inteira com uma mulher, mas eu não conseguiria viver isso com um homem, sabe?. (EVA)

O ser humano, o maior de todos os fenômenos. Mergulhar na sexualidade é des-velar-se a si mesma como fenômeno, como ser-no-mundo pleno de possibilidades. Heidegger (2015), Castro (2023), Meira e Castro (2023), Castro, Silva e Rodrigues (2023) nos permitem compreender a pluridimensionalidade do existir e da existência humanas ao propugnarem que as situações nos atravessam e nos lançam em direção a ser quem nos tornamos. Afinal, somos para além do factual, somos a própria facticidade que nos movimenta e nos impulsiona a nos revelarmos como pessoas que, mesmo diante de vários revezes, continuamos a caminhar.

O desvelar da sexualidade impregna nessas mulheres a possibilidade do autorreconhecimento, o que engendra, salvo engano, o vôo da Fênix, como nos citam Castro, Silva e Rodrigues (2023). A partir do tornar-se si mesma, apropriarem-se de seus sentires enquanto seres sexuais, ampliam o olhar sobre si e para o entorno de si, permitindo-se experienciarem sua sexualidade sem culpas, ressentimentos, distorções do ser si-mesmas.

4.2 A BUSCA POR SER ACEITA: O AUTO OLHAR E O OLHAR DO OUTRO

A experiência do desvelamento da sexualidade provoca a busca da aceitação. Uma aceitação que não é apenas pelo olhar do outro em sua direção, mas a própria auto aceitação. E nesse contexto, dois aspectos mostraram-se muito presentes nas falas: o auto preconceito e o preconceito oriundo do outro.

4.2.1 O auto preconceito

O olhar sobre si mesmas se mostra em disfuncionalidade, como encontrado nos estudos de Façanha *et al.* (2021), Meira *et al.* (2022) ao estudarem com homens e mulheres do movimento LGBTQIAPN+. Dessa forma, ao refletirem sobre sua sexualidade encontramos: um olhar negativo, não dar certo em nada, a idade da outra é empecilho, a briga interna em não poder vivenciar o que sentia, a não aceitação, não poder ser quem era, recurso da religiosidade para “tirar o demônio”.

"Olhar o negativo, muito negativo. Positivo. Ver o que podia ser trabalhado. O que que eu tenho que ajustar pra chegar onde tenho que chegar. que que tem que ser lapidado. que que eu tenho que deixar pra trás, que não cabe mais. Não dá, tipo, chegou até aqui não tem como. Não vou atingir o que eu vinha galgando desde então. E eu comecei a olhar pra trás e agradecer muito mais. Eu sempre fui muito grata." (CATARINA)

"Olha, como que tu atendeu a pessoa e tal" Então, desde aí, já foi um marco, assim, né, na minha história, até aqui, disso. Então eu "Caramba, eu não dou certo pra nada, não sei fazer nada" aí "Não, eu sei fazer alguma coisa, né? O quê que tu sabe?" Aí é isso. (FRIDA)

Só que a briga interna comigo continuava, que eu não podia namorar a minha colega de trabalho. O problema não era nem namorar, era ter sentimento, ter troca, me relacionar, ela era uma mulher. Como que, como que eu ia explicar pras pessoas. Eu tenho um filho, eu tenho uma imagem na sociedade, eu, como que eu vou aparecer com uma mulher? Isso é loucura! Eu, uma mulher? Quê que as pessoas vão achar de mim. Minha melhor amiga, o quê que a minha melhor amiga vai achar de mim? [...] Eu não tinha, não tenho, não tenho, né? Mas vou falar como a Jack é. Eu não não tinha problema em ter amigos, colegas gays, sapatão, lésbicas, lgbtqia+, etc. Só que eu tinha problema em me aceitar. Eu defendo causas. Sou a defensora dos oprimidos. Negro, gordo, baixo, alto, pobre, é... gay, lésbica, tudo, eu defendo. Eu defendo causas. Aos que não são... eu defendo. E.. eu sempre defendi, só que quando eu me vi, eu ia ter que aprender a me defender também. E eu não aceitava, o fato de estar passando por aquilo, porque também podia ser uma fase, talvez seja uma fase. E aí, eu ia e regressava, ia e regressava . (CATARINA)

Meu deus, eu ficava "Não, não pode ser assim, isso tem que mudar e tal, tenho que mudar". Aí comecei a colocar na minha cabeça, né. "Não posso ser assim" (FRIDA)

Quando eu ia na consulta com o psicólogo, uma vez ele chegou a perguntar "Elena, você sente atração por garotas?". Aí eu fiquei "Não!". Fiquei lá no fundo, "Sim, sim!". Mas eu também não quis entrar nesse assunto, né? Aí eu falei "Não, de jeito nenhum". (NAYÁ)

E nisso, já... tinha noção da minha sexualidade, assim que eu tinha atração por mulher, então eu pedia pra deus tirar aquilo de mim, e tais. Quem olha nem pensa, né? (ri). Eu pedia pra deus tirar, e tipo, os pastores, eles tinham essa questão de fazer orações pra tirar o demônio da homossexualidade, mulher com mulher, homem com homem, eu tipo "Tira de mim, Senhor" (EVA)

4.2.2 A aceitação do outro, preconceito e discriminação

A caminhada se torna mais difícil no que tange ao olhar do outro sobre a vivência da sexualidade. Os relatos nos trazem que, apesar de inicialmente vivenciarem o medo, o receio, principalmente relacionado às figuras significativas, pai, mãe, avó, o resultado dessa perspectiva possibilita observar que falar com os pais representou poder experienciar a sexualidade de modo mais ameno.

Ninguém vai querer ter amizade com você mais" E eu comprei realmente essa ideia. As pessoas não vão mais querer ser minhas amigas. As pessoas não

vão querer mais falar comigo, as pessoas, tipo assim, se eu chegar perto de alguma mulher ela vai achar que só porque ela é mulher, ela vai achar que eu tô a fim dela. E não é. Então eu fiquei arrasada, eu me afundei, eu me afundei, eu vivendo uma... vivendo não, eu passei só, que eu não tive tempo pra viver luto. E aí eu conheço a Carol, e a gente começa a se relacionar. Eu, me separei, assim, corpo, tal, tudo. Faltava no papel, que foi muito rápido, foi um mês, graças a deus, um anjo desceu e falou pra ele "vai lá, vai lá". Não precisei fazer esforço nenhum. E... e... eu fiquei louca pela Carol, assim, eu não sei te explicar, foi, mas é assim, sabe, foi muito recíproco, assim, foi muito, foi algo que eu nunca [...] E aí, eu descobri, de fato, o significado de amizade. Que não importa o que você é, não importa a cor da sua pele, não importa o que você pensa, quem é de verdade vai ficar com você. Independente do que você é, do que você tenha. E que, existem vários tipos de amizade. Aquela que você pode contar, aquela que você pode.. sair pra dar boas risadas, aquela que você vai ser só a audição... porque ela fala, fala, fala, fala, fala. Aquela que é a problemática, a vida nunca tá boa, nada nunca tá bom na vida dela, nada, nada, nada, nada, nada, nada, a vida de todo mundo tá boa, mas a dela, a menina que não sabe o carro que, meu marido fez num sei o que, minha filha, é isso, nada tá bom na vida dela. Aí vem a invejosa. Aí cabe você ir ponderando. E quando ela me acolheu, me aceitou, sendo eu quem eu era, a nossa amizade ficou muito forte, porque... nós começamos a conversar sobre coisas íntimas, assim, que nós nunca havíamos dito antes, e eu, achando, assim, considerava de uma irmã assim, ela é uma irmã que a vida me deu pra deixar o fardo do caminhar mais leve, que tão coisas que são pesadas de carregar. (CATARINA)

Mas eu tenho algum receio de andar de mãos dadas em público, tals. Mas acho que também, é de... ser uma pessoa, eu sempre fui uma pessoa mais privada, mas tem esse receio... de alguém olhar feio ou coisa do tipo, principalmente aqueles que saem com criança [...] fui e mandei um áudio pra minha mãe, falando bem assim, resumindo o que tinha acontecido e falando pra ela. Aí ela me respondeu, né? De boa, que não importava, nanana, né? Ela me amava de qualquer jeito. Ela é incrível. E aí... tá, beleza, ficou nisso [...] E aí eu muito nervosa "Pai, tananana, o senhor sabe que eu também gosto de mulher, não sei o quê" Aí "Não, minha filha, eu sei, você falou aquela vez lá" (SIMONE)

E a minha mãe, ela dizia assim que ela... não queria que eu fosse lésbica porque essas pessoas são discriminadas na sociedade e que essas pessoas nunca tem vez na sociedade [...] Mas enfim, a gente ficou e eu achei que fosse ser só isso, e aí depois a gente começou a se envolver, mais sério e tal, porque a coisa andou. Aí eu contei pra minha mãe, né. Contei pra minha mãe que eu tava ficando com pessoa assim, assim [...] E aí, tá, a minha mãe foi respeitando, foi aceitando a minha namorada em casa. E hoje em dia, ela tem como uma filha, né? Inclusive eu nunca perguntei, nunca... nada. Normal. Eu, o que eu ouço ela falando, né? Outro dia eu ouvi ela falando no telefone que ela tinha ganhado uma outra filha [...] Achei que não fossem aceitar e tal, pessoas que eu era bem chegada mesmo, muito por... por aquilo né? De achar que fossem discriminar mesmo, que fossem ter vergonha de andar. Mas dos que eu considero mesmo, não decepcionaram assim. Não decepcionaram mesmo. (FRIDA)

Oficial, né? Meus pais, minha família sabem, as pessoas sabem, né? A gente larga, praticamente assim, então as pessoas, elas sabem. E o julgamento das pessoas, na maioria, na minoria das vezes, porque a maioria a gente nem dá confiança. Mas a gente vê aquele julgamento. A gente vê aquelas caras amarradas, vê aqueles comentários, entendeu? E mesmo que a gente tente não ligar - eu falo que eu não ligo, mas ligo sim - porque quando machuca alguém que a gente ama, horrível, principalmente quando parte de uma pessoa que a gente gosta, tipo assim, comentário de mãe, de pai, de irmãs, assim [...] E é contínuo, sabe? Esse preconceito, assim nessas comunidades,

principalmente na minha, que eu digo, porque convivo, convivi, convivo, né? Entendeu? A gente vê. E eu como indígena, tipo, meu deus do céu, chegar pra lá vão querer me chamar de quê, né? Vão me apelidar de tudo que não presta. Mas, tudo bem, também, né? É... a opinião deles eu não respeito e nem aceito, eu vou chamar atenção, mas deixa eles falarem, vou aconselhar, sabe? [...] Nesse dia, acho que no dia da eleição, no dia 30 de outubro, dia 30 de outubro mesmo. Eu peguei, eu tomei uma cerveja, pra dar coragem, pra conseguir, eu fiquei meio "UH, vou lá, é agora". Deitei do lado dela e comecei a... começar um assunto, né? Depois eu contei. Eu falei "Mãe, posso lhe contar uma coisa?" Nervosa, eu não sabia nem como reagir. "Eu gosto de meninas". E fiquei caladinha, tipo. (NAYÁ)

a minha avó, é uma pessoa totalmente, tudo... assim, tudo de... toda minoria que ela pode atacar, ela tá atacando, sabe? Tipo, uma vez eu estava vendo Caldeirão do Huck, aí ela falou assim "Olha, essa velha é mãe daquele viado que morreu", que era a mãe do Paulo Gustavo (ri). Tipo... mas eu amo a minha avó, apesar dos grandes defeitos que ela tem [...] ser o gay da cidade, a lésbica da cidade, ou "Ah, tua mãe, coitada ela é mãe de um homossexual". E eu me coloquei pensando, né? É muito estigmatizante, pelo que eu observo, né? Daquela gay afeminada. Por exemplo, a minha família, ela é do interior do Pará, né? Minha família materna. E aí, durante a minha infância, o que mais tinha era história de homossexuais, assim, de uma forma bem estigmatizada. [...] e aí ele me contou dessa filha, eu aproveitei que a gente tava trocando segredos e eu... "Então" Era o momento certo. Eu falei pra ele que eu tava descobrindo e que... pra mim era isso, sabe? Da questão de eu sentir atração por mulher [...]E eu saia escondida da minha mãe pra ir namorar. Isso eu tinha 15 anos. E aí eu cheguei em casa depois do dia do assalto, "Cara, eu não posso ficar saindo escondida! Eu poderia ter morrido". E eu... "a mãe não sabia nem onde eu tava, então... é melhor eu falar pra ela e a gente ter uma relação... transparente do que ficar escondendo" Aí eu falei pra ela. (EVA)

Ser-no-mundo é ser-com-o-outro, conforme preconiza Heidegger (2015). Dessa forma, as configurações relacionais, principalmente as familiares, passam por estremecimentos a partir do momento em que revelam a orientação sexual. Estudos têm demonstrado o quanto a revelação de ser quem é, no que diz respeito à sexualidade, provocam distanciamentos, dissensões, inicialmente. Contudo, o cotidiano toma, a *pari passu*, outra conotação, tendo em vista que, a vivência do diálogo possibilita que arestas sejam aparadas (Façanha, *et al.*, 2021; Meira, *et al.*, 2022); Ferreira *et al.* (2022).

O que inicialmente poder-se-ia considerar como relacionamento inautêntico, passa, ao ser conduzido pela dialogicidade do existir, redimensionado e pautado por perspectivas onde a relação prima pela autenticidade. Castro (2021; 2023); Meira e Castro (2023); Benício, Gomes e Castro (2023) ressaltam em seus estudos que a partir de uma relação que se constrói sob o viés do diálogo é que as pessoas tem conseguido extrapolar situações de dor e sofrimentos existenciais inicialmente malversadas em discriminação e preconceito.

Castro (2009; 2017; 2021; 2023) referenda que situações provocadoras de angústia propiciam verdadeiro mergulho na existencialidade e, maioria das vezes, lança o ser-no-mundo em dimensões de sofrimento inimagináveis. E este autor compreende que momentos dessa forma experienciados caracterizam a angústia como a tempestade do ser. O que pode ser observado em algumas das falas trazidas pelas participantes.

4.3 OS VÁRIOS AUTOS: AUTOUIDADO, AUTOCOMPREENSÃO, AUTORRECONHECIMENTO

O cotidiano é pleno em experiências que impulsionam a pessoa ao reconhecimento de si mesma enquanto vivente, enquanto existente. Considerando que existir é originário do grego ek-sistir, significa a abertura de cada um a si mesmo, ao entorno, à vida. Conseqüentemente, essa processualidade permitirá que desvele o olhar sobre si mesmo, acreditar-se possibilidade, desvelar-se a si mesmo.

4.3.1 O autocuidado: o olhar sobre mim se revela

As experiências dessas mulheres possibilitam que voltem seu olhar sobre si mesmas. Passam a compreender que precisam, principalmente, lançar um olhar de generosidade para si. Observem-se com potencialidade, com perspectivas. Permitem-se ser elas próprias no caminhar. Os relatos nos trazem questões relativas à sensação da relação estar dando certo, a necessidade de sair da relação, a busca por ajuda, o auto respeito.

Acho que outra coisa, de experiência, é que assim, normalmente, no trabalho, até que eu sou uma pessoa fechada, mas assim... eu sempre sondo se eu posso mencionar ou não, porque eu ainda tenho o receio de ter uma... recepção ruim, sabe? [...] E sapatão é foda, né? Eu tentei que não fosse tão rápido porque eu tinha acabado de sair de outro relacionamento, mas acabou que foi, tipo, é foda. Mas, enfim, até agora tem dado certo [...]. (SIMONE)

É, e de morar. Aí olhei pra ela e ela falou "Vem!". Aí eu "Será mesmo? Então eu vou pegar minhas coisas" [...] E... aí nessa pra mim tinha sido o ápice, né? Eu não tava mais aguentando, eu tava me sentindo realmente muito mal. E aí, de manhã eu arrumei as minhas coisas, arrumei tudo e... ela me viu, né? Ela viu eu arrumando as coisas. Aí... ela não falou nada, ficou muda. (FRIDA)

Quando eu me assumi lésbica mesmo, era um medo, sabe? Um medo... de mais porque... é complicado por exemplo, assim... uma família indígena. Tipo assim, é uma coisa de brutalidade, não tem aquela coisa de... não foi criada no carinho, fui criada muito na brutalidade mesmo [...] Quando eu cheguei naquela fase, no ápice daquela... daquela loucura de querer... acabar com a vida, eu... eu consegui... me abrir, eu consegui falar pras pessoas que eu tava precisando de ajuda. Eu tive que gritar, entendeu? "Eu preciso de ajuda!" [...] Aí peguei, falei "Nossa, eu vou morrer quando eu contar pra mamãe, vou morrer" Só queria aquela paz. A minha mãe já desconfiava. Todo mundo já desconfiava, né? Nossa, ninguém é besta. Todo mundo desconfiava. (NAYÁ)

Não, na época eu queria, assim, porque quando os teus pais tão se divorciado você acaba se... apegando em alguma coisa [...] Sim! (ri). E pra quem importa. Tipo, eu nunca vou contar isso pra minha avó, não me importa. Aí, eu comecei a namorar, tava levando minha namorada lá em casa, né? E aí... teve um dia, que eu sou uma pessoa muito responsável de, do nada eu ia lá no café de noite, 22h da noite "E se você dormir lá em casa hoje? [...] E acho que tudo o que eu queria era abraçar aquela Eva e dizer "Vai ficar tudo bem. Você não precisa... se autoafirmar, você não precisa mostrar pras pessoas quem você é, o importante é você tá bem consigo mesma e se respeitar", porque eu acho que eu me desrespeitava muito, é... e eu me colocava em situações que... não era produtivas, sabe? Hoje, quando você tem um autoamor, e quando você se respeita, você coloca mais limites sobre as coisas e você não deixa as situações chegarem tão longe. (EVA)

4.3.2 Os estereótipos do existir-lésbica

A vida ganha outros contornos, principalmente no que diz respeito à imersão no *L-world*¹ que, conforme se percebe nas falas, tem linguajar e atitudes bem diferenciadas. E no conviver, encontra: o machismo lésbico, a concepção do entorno acerca do comportamento da mulher lésbica.

Exatamente! Eu queria muito. E aí você acaba reproduzindo, é... sabe essas violências de gênero de que, homem, machismo, tem muita mulher lésbica que é bem machista, entende? E é mulher. Que é bem machista, que fica reproduzindo essas violências de gênero. E aí, quando eu vi essas coisas, e eu vi "Caramba, que linguajar feio, de se tratar uma mulher. Que forma feia de tratar uma mulher, sem responsabilidade emocional", sabe? Aí eu fiquei "Não. Não. É melhor eu fazer as minhas próprias coisas, eu me entender" [...] Dá... você traz as regras da heteronormatividade pra dentro da comunidade lgbt, então tinha muito essa coisa da... assim, me desculpa pelo termo, mas é do termo que a gente usava, né? Da machuda, da lésbica, da sapatão, da fancha, e como eu sou... pequena, magra e toda delicada, ficavam me chamando de passivinha, de que eu nunca, meu deus (ri), de como, como se eu nunca fosse... poder, sexualmente dar prazer pra uma mulher, basicamente, sabe? e que... eu seria passiva e eu seria uma pessoa, tipo, dominada, submissa. Aí eu ficava, tipo... me sentindo muito menor do que as minhas outras amigas, que elas tinham toda essa questão da... da fancha, entendeu? E eu ficava, tipo... (EVA)

a minha amiga também que cresceu junto comigo, amiga-prima. Eu tava com medo de falar pra ela também, né? Porque... a gente tinha crescido junto e aí tem aquela questão de achar "Ah, tu tá a fim de mim e tal", porque rola isso, né? A gente pensa realmente, que às vezes a pessoa, a... tem alguém andando com a gente, uma mulher, a gente, hoje, a gente chama pra sair e acha que a gente já tá a fim, né? [...] É, as pessoas tem na cabeça que lésbica tem que ser aquela mulher que se veste igual homem... [...] Aí já até criaram um outro negócio agora, que a mulher quando se arruma e é lésbica "Ah porque é padrãozinho"(FRIDA)

Um belo dia, chega perto de mim, depois da Manu, uma menina, e aí eu fui entender a minha repulsa, com aspectos masculinos, que é o que a gente chama de caminhoneira, né? (CATARINA)

4.3.3 Para além de quaisquer facticidades: meu ser se desvela.

Conforme o auto apropriar-se de si mesma vai ocorrendo, mudanças também passam a ser presentes nesse caminhar. Os discursos nos trazem essas transformações no olhar de cada uma das participantes: da leitura ao filme, a possibilidade laboral, a busca por companheirismo e parceria a partir do exemplo de outras mulheres na faculdade, a contínua busca de si mesma, a certeza de ter conseguido.

Uma coisa, assim, que eu tenho, bem atual, é que eu tenho muitos livros sáficos, e eu sinto um pouco de falta mais livros sáficos. Tipo, eu também gosto de ler livros gays, né? Mas, assim, eu gosto mais dos sáficos porque eu me relaciono mais com a história. Só que eles têm muito, eu pelo menos, pelo que eu percebo, acho que existem muito mais livros de relacionamentos gays do que os sáficos. Eu sinto uma falta, assim, de livros, séries também. Você não vê as séries sáficas com, alcançando tanto sucesso quanto as gays, né? Tipo "Heartstopper", que eu adoro, mas assim, queria que tivesse [...] E assim, hoje eu tenho certeza que eu realmente não gosto de homem. Eu tenho lembrança que eu suspirava, por galãs, assim, de série, e tal. E hoje, assim, é muito difícil eu achar homem bonito, assim. Olhar pra um homem e falar "Esse homem é bonito", até consigo...mas assim... muito difícil, sabe? Mudou muito a minha visão das coisas, de perceber que eu sou lésbica e que eu nunca gostei. (SIMONE)

Então ela achou que eu, pra mim fosse ser igual, mas assim graças a deus o mundo mudou, né? Algumas pessoas também acompanharam esse avanço aí e a gente vê que é... a comunidade lgbt, essas pessoas estão incluídas nas empresas, em todo o lugar hoje em dia. (FRIDA)

" E aqui na faculdade, você acaba tendo várias vivências, várias, vozes, é... de eu ver, por exemplo, tem uma estudante daqui que ela tem 40 anos, ela é casada com uma mulher, e eu ficava "Caramba! Ela tem 40 anos e é casa com uma mulher!" é foda! sabe? Mulheres tendo relacionamentos, e... duradouros, sabe? De você, eu nunca tinha visto uma mulher casada com outra mulher, nunca. E aí eu fiquei tipo "Pô, que foda!". E aí, me ajudou a ter... ter uma maior empolgação, assim, de início, de ver várias outras realidades, não só de adolescentes, sabe? Mas de pessoas adultas, mesmo, dentro da comunidade [...] é como, acho que eu trabalhei isso em terapia, no sentido de, a minha sexualidade é uma parte de mim, mas não é... não me representa totalmente, não sou a minha sexualidade, tipo, não vou me definir pelas pessoas que eu me relaciono, entende? Mas acho que como eu queria muito me autoprovar, pra mim, acabava sendo uma grande questão, hoje em dia não [...] meu sonho é ser uma mulher casada., aquela. Não, é porque... não é um sonho, entendeu? Mas o sonho é ter uma relação estável onde eu possa dividir meu cotidiano com uma mulher, é uma coisa que eu quero muito, entendeu? É uma parceria, um companheirismo, e... eu vejo que às vezes a gente quer tudo isso de imediato, mas acho que é uma coisa construída. E acho que... o bom é, eu ainda tô me construindo, eu ainda não tô numa fase final de eu me descobrir e pronto. Eu ainda tô me descobrindo, e acho que fazer isso do meu caminho e um dia poder chegar e realizar meus sonhos, é uma coisa que me motiva, a tá dentro da faculdade. E seguir. Talvez que a minha sexualidade acabou sendo... algo que me impulsiona pra frente, também. E é isto. (EVA)

E quando você se apropria de você mesmo, o outro não consegue te acessar com facilidade a menos que você permita, porque você se conhece ao ponto de que o outro não consegue te atingir mais, você sabe seus limites, seus

anseios. Você fica inacessível, a menos que você permita que o outro te acesse. E sempre vai existir em qualquer canto, a Catarina que as pessoas acham que conhecem, a Catarina que só eu conheço e a Catarina que poucos conhecem e a Catarina que nem eu conheço. Tô caminhando pra conhecê-la. (CATARINA)

Cara, eu acredito que... a minha vida... é.. eu tenho uma segunda vida. Porque... parece que uma Nayá que eu nem... sabe? Eu descobri com o tempo, morreu... morreu em 2021, morreu. A Nayá morreu em 2021. E eu renasci, nasci pra viver mesmo. Porque... aquele ano de 2021, pra mim, foi o pior ano, entendeu? E a minha infância, como eu sofria muito bullying, né? Olhando pra hoje em dia, e vendo tudo que eu pedi a deus, tudo que eu lutei, porque foi com o meu esforço também, eu consegui. (NAYÁ)

Vivenciar o *L-world* é constatar em si mesma o potencial ser-no-mundo heideggeriano. O que afirmamos a partir desta acepção é que essas mulheres redimensionaram seu ser-si-mesmas, trouxeram para elas a perspectiva e a possibilidade em ser quem se tornaram. Este movimento Heidegger (2015) compreende como autenticidade, ou seja, mesmo diante das facticidades engendradas em suas vidas, se dispuseram a imergir nelas mesmas e, daí, tomar as rédeas do destino tornou-se o sentido do existir.

Estudos relacionados à sexualidade de pessoas membros do movimento LGBTQIAPN+ sinalizam a importância e a premência de que tomem suas vidas para além de quaisquer olhares, quaisquer situações que tentam fazê-las menores, menos aptas. Pelo contrário, quanto mais puderem assumir quem são, como são e no ser humano que se tornaram, maior a probabilidade de se compreenderem seres-de-possibilidades (Façanha *et al.*, 2021; Meira, *et al.*, 2022; Ferreira, *et al.*, 2022); Castro, *et al.*, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o ser humano seja repleto de diversidade em sua forma de viver e entender a sexualidade, ainda impera sobre a sociedade uma visão limitada e preconceituosa, desconsiderando todo o movimento LGBTQIAP+ na busca pela visibilidade e direito de existir. Direito esse que vem a ser violado na forma de homofobia.

No caso dessa pesquisa, o foco nas mulheres lésbicas explicita também uma questão antiga e ainda atual relacionada ao gênero, em que se é esperado um comportamento considerado como feminino, e que ao sair dessa categoria, gera estranheza e invalida a forma de ser individual e subjetiva. Investigou-se, então, a

compreensão dessas pessoas acerca de sua própria história e das discriminações sofridas.

Em suas falas, são pontuadas situações de experiências, reflexões, autopreconceito, a importância da validação do outro, o papel da representatividade, os receios de estar num mundo preconceituoso, as incertezas do futuro, a autocompreensão numa jornada ainda não findada. Estar em contato com essas mulheres abriu oportunidade de entender pontos de similaridade e divergências, mostrando que cada pessoa tem uma forma de encarar acontecimentos, ainda que pertencentes à mesma comunidade.

Notou-se que a rede de apoio, formada principalmente por familiares e amizades é primordial nessa caminhada, e que ter a abertura para o diálogo se faz necessário. Além disso, o reconhecimento de lésbicas em múltiplos espaços contribui para perspectivas abrangentes não apenas de si mesmas, mas dos outros sobre elas. Trabalhar também o autoconhecimento as desatou de seus temores e as deixou mais autoconscientes de suas possibilidades. Assim, se vê essencial a elaboração de práticas que possam englobar esses sentidos, a discussão mais plural das sexualidades nos ambientes, principalmente na escola, considerando a fase de descoberta e aflições desse meio.

REFERÊNCIAS

- BENÍCIO, B.C.; GOMES, K.P.G.; CASTRO, E.H.B. de O espelho, a família, o voo de Pégasus: a existencialidade adolescente no Plantão Psicológico. **AMazônica** – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, 2023, p. 261-282.
- BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 25-40.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? - 2ª ed. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2016
- CABRAL, A.M. **Psicologia pós-identitária**: da resistência à crítica das matrizes cristãs da psicologia moderna - Rio de Janeiro : Via Verita, 2018.
- CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico**: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger. 2009.182 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2009.
- CASTRO, E. H. B. de A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E. H. B. (org.). **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa Curitiba: Appris, 2017.
- CASTRO, E.H.B. de. Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: CASTRO, E.H.B. de **Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades** – Editora Dialética, 2021, p. 309-330
- CASTRO, E.H.B. de. Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. **AMazônica** – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, 2023, jan/jun, p. 9-32.
- CASTRO, E.H.B. de; SILVA, J.P. da; RODRIGUES, D.M. **Fênix alça vôo**: a pluridimensionalidade da vivência de ser-si-mesma! **AMazônica** – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 794-827.
- COELHO, R. T. A tradição judaico-cristã e a homofobia: substratos ideológicos de um preconceito. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/13945>. Acesso em: 10 out. 2021.
- COSTA, A. B.; PERONI, R. O.; BANDEIRA, D. R.; NARDI, H. C. **Homophobia or sexism?** A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil. *Int J Psychol.* 2013; 48 (5):900-9.
- COSTA, D. M. C. Descortinando a homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 585-587, Aug. 2012.
- D'HAESE, L.; DEWAELE, A.; VAN HOUTTE, M. Homophobic Violence, Coping Styles, Visibility Management, and Mental Health: A Survey of Flemish Lesbian, Gay, and

Bisexual Individuals, **Journal of Homosexuality**, 63:9, 1211-1235, 2016, DOI: 10.1080/00918369.2016.1150057

FAÇANHA, C.; SILVA, E.G. da; MEIRA, J.C.; CASTRO, E.H.B. de. Pessoas LGBTQIA+, preconceito e superação: movimento para além da dor e do sofrimento sob o viés da Fenomenologia. **Rev. EDUCamazônia**. Vol XIII, Núm 2, jul-dez, 2021, pág. 384-408.

FERRAZ, T. **Movimento LGBT**: a importância da sua história e do seu dia, 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento> Acesso em jul, 2020.

FERREIRA, T.V.M.; FERNANDES, M.C.B.; SILVA, A.P.; MEIRA, J.C.; SOUZA, E.de M. de; CASTRO, E.H.B. de. Sou homem trans, apresento minha história, minha luta: da impossibilidade, me fiz possibilidade. **REH – Revista Educação e Humanidades**. Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 333 – 361

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa, Portugal: Fim do Século, 2010.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HERRICK, A.L.; STALL, R.; CHMIEL, J.S. *et al.* It Gets Better: **Resolution of Internalized Homophobia Over Time and Associations with Positive Health Outcomes Among MSM**. *AIDS Behav* 17, 1423–1430 (2013). <https://doi.org/10.1007/s10461-012-0392-x>

JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC; Secad; Unesco, 2009.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MEIRA, J.C.; CASTRO, E.H.B. de. O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão psicológico. **AMazônica** – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, 2023, p. 51-70.

MEIRA, J.C.; FAÇANHA, C.; SILVA, E.G. da.; FERNANDES, M.C.B. & CASTRO, E.H.B. de. Ser-LGBTAl+ as reminiscências de vida: para além do preconceito e da discriminação. **REH – Revista Educação e Humanidades**. Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 243- 269

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MONTEIRO, L. F.; Machado, P. S.; NARDI, H. C. Do armário à armadura: estratégias de mulheres no enfrentamento da homofobia e do heterossexismo. **Revista Polis e Psique**, 2011. 1(3), 112.

PEREIRA, D.G.; CASTRO, E.H.B. de. Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: CASTRO, E.H.B.de. (Org.) **Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica** – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2019 p.15-32.

PORTO, R. L. A. Subjetivação, feminilidade e corpos (trans)formados em tempos de aids: a escuta de mulheres transgêneros. **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica. In: CASTRO, E. H. B. 9ORG.). 1 ed. Curitiba: Appris, 2020. Pag. 131-156

QUINTÃO, F.F.; CARVALHO, M.S. da. **Homofobia**: análise histórica do fenômeno homossexual e sua possível criminalização, 2012. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/32379/homofobia-analise-historica-do-fenomeno-homossexual-e-sua-possivel-criminalizacao>. Acesso em 20 de out de 2020

SAMPAIO, J. V.; GERMANO, I. M. P. Políticas públicas e crítica queer algumas questões sobre identidade LGBT. **Psicologia & Sociedade**, 26(2) ,2014 290-300.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SILVA, M. R. O. O sentido atribuído à experiência da comunicação do diagnóstico de câncer nos discursos de pessoas idosas sobre a ótica do pensamento de Merleau-Ponty e Heidegger. **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica. In: CASTRO, E. H. B. 9ORG.). 1 ed. Curitiba: Appris, 2020. Pág. 83-101.

SOARES, E. S. De cada dificuldade, minha trajetória como discente-empresária-mãe-filha me revelou o mundo: o olhar sobre a díade trabalho-academia. **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica. In: CASTRO, E. H. B. 9ORG.). 1 ed. Curitiba: Appris, 2020. Pág. 63-81.

SOARES, M. A. **O movimento LGBT**: Um panorama histórico e social das Paradas da Diversidades e a importância desse movimento nas instituições de fomentos à informação no Brasil. 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/09/o-movimento-lgbt/>_Acesso em 15 de out 2020.

TOLEDO, L. G.; PINAFI, T. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 137 – 163, 2012

TRZAN-ÁVILA, A. **Identidade de gênero** : performatividade, ser-aí e subversões - 1ª ed. - Rio de Janeiro, RJ : IFEN, 2020

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The 11th Revision of the International Classification of Diseases**, 2018. Disponível <<https://icd.who.int/browse11/lm/en#/http://id.who.int/icd/entity/411470068>>

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO FAULDADE DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Convidamos (a) senhora para participar do projeto de pesquisa “Pessoas LGBTQIAP+ e o enfrentamento da homofobia: histórias de vida e superação de mulheres lésbicas”, de autoria de Ewerton Helder Bentes de Castro, endereço: Rua General Rodrigo Otávio, nº 6200 (UFAM) telefone: 3305-1181 Ramal 4127 E-mail ewertonhelder@ufam.edu.com. Venho mui respeitosamente pedir sua colaboração para participar desta pesquisa cujo objetivo é compreender a percepção de mulheres lésbicas acerca de sua historicidade e seus modos de enfrentamento e superação sob o viés da Psicologia Fenomenológico-Existencial, por este motivo está sendo convidada.

Caso aceite participar, deverá ser realizada uma Entrevista áudio gravada, com duração mínima de 60 minutos. Solicito que autorize registrar sua fala gravada durante a entrevista que somente será usada para esta pesquisa.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para a Sra são emocionais no sentido de que irá lembrar de situações que foram muito difíceis e, dessa forma, a emoção poderá causar choro, tristeza e outras formas de emoção. Caso a participação durante a entrevista mobilize esses sentimentos em você de forma intensa ou que cause sofrimento, o pesquisador fará o acolhimento inicial e o(a) encaminhará para acompanhamento psicológico. Este acompanhamento tem duração média 50 minutos e será levado a efeito no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA/FAPSI/UFAM) e realizado em mais ou menos 20 sessões.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: para os participantes você terá à disposição a escuta psicoterápica, e conseqüentemente, auxílio no sentido de trazer elementos para que se possa multiplicar a informação acerca do enfrentamento e superação de situações de transfobia junto a adolescentes e jovens que estão vivenciando situação de preconceito e discriminação.

Se julgar necessário, a Sra dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Se você e/ou seu acompanhante precisar se deslocar para a realização da pesquisa, o pesquisador se colocará em disponibilidade para ressarcimento de despesas relativas a deslocamentos, dentre estas, relacionadas também a transporte e alimentação. Asseguramos a Sra o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Como pesquisador, necessito compreender como as mulheres lésbicas vivenciaram situações de homofobia sob o viés do preconceito e da discriminação e, quais estratégias de enfrentamento utilizaram para promover a superação dessas experiências. A partir daí, desenvolver projetos correlatos, assim como, mostrar a importância de pesquisas que compreendam o ser humano amazônida e toda sua *experienciação* como fonte de compreensão dos sentidos por ele atribuídos no que

concerne à discriminação e preconceito relativos à diversidade sexual e seus desdobramentos.

Página 1 de 2

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)

Garantimos à Sra a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

A Sra. também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

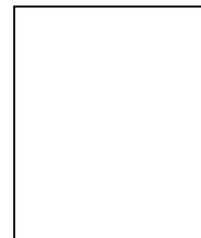
Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pela Sra., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa

Manaus, ____/____/____

Assinatura do participante



Impressão Dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador Responsável

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)

Página 2 de 2

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Questão norteadora:

- a) Gostaria que você falasse sobre situações de preconceito e discriminação que sofreu devido a sua sexualidade. O que pensou? Como se sentiu?

Possíveis desdobramentos:

- a) Como foi enfrentar essas situações?
- b) Como é olhar para trás e perceber que superou aquela situação?
- c) O que você diria para jovens e adolescentes que estão passando por esse tipo de situação?